

Resgatar o esquecimento

João Miguel Barros

Curador

1. "(Des)Construção da Memória", de Ung Vai Meng e de Chan Hin lo (agora agrupados no colectivo YiiMa), não regista a memória de um tempo linear e cronológico. Não é, tão-pouco, o desfilarm de uma memória construída a partir de factos sistematizados, que permita visitar a história de modo estruturado ou científico. É, antes, uma forma de os artistas olharem livremente o passado, confortavelmente instalados no presente.

À imagem de Goofus, de Jorge Luis Borges, esse fantástico "pássaro que constrói o ninho ao contrário e voa para trás, porque não lhe importa aonde vai, mas sim onde esteve", ou de onde vem, esta exposição é uma descoberta de sinais que foram sendo deixados, algumas vezes esquecidos, e que só uma viagem retrospectiva permite que sejam lembrados e reinterpretados.

2. Qualquer que seja o ponto de partida ou de chegada, o trabalho de Ung Vai Meng e de Chan Hin lo está colocado nas margens do tempo.

É datado, porque os registos que fizeram de acontecimentos únicos da história de Macau deixaram uma marca no calendário. Mas esses registos pertencem a um tempo sem tempo, e são reveladores da consciência de uma certa identidade social e cultural, o que é típico, afinal, do ADN das memórias. Trata-se, na verdade, de uma narrativa que os dois artistas querem recuperar das conversas nostálgicas dos mais velhos e querem retirar da exclusiva jurisdição dos historiadores, dando-lhe a visibilidade e a importância que merece no contexto histórico da cidade.

3. A memória que se revela nesta exposição coloca-nos, entretanto, perante um problema maior: o da identidade. Ou, quem sabe, o da sua ausência.

Desafiando o tempo, a cidade tem vindo a sofrer, em ritmo acelerado, transformações, por vezes violentas, que moldam a sua fisionomia urbana e parte da sua (sub)consciência colectiva. E essas transformações, bem visíveis no trabalho dos artistas, têm vindo a provocar um género de subtil reciclagem do sentido de pertença de todos aqueles que têm Macau como a sua terra.

4. Em Macau existe um sentimento dominante de pertença à República Popular da China, não obstante continuadas influências de várias culturas ocidentais, com predominância histórica para a portuguesa.

Esse feixe de poderes invisíveis vai provocando na cidade a existência de fenómenos mundanos e alterações urbanas significativas. A matriz chinesa dominante revela-se não tanto no lado imediatamente visível dessas mudanças, mas, antes, na matriz cultural e vivencial das pessoas e na organização social determinada pelos poderes públicos. Sim, "poderes públicos" no plural, porque essa mão nada invisível é fruto de uma política, por vezes reinterpretada de acordo com as circunstâncias, que assenta na formulação de Deng Xiaoping de "um país, dois sistemas".

Uns dizem que as alterações constantes que se verificam na cidade são típicas das dinâmicas civilizacionais. Outros inclinam-se para a descaracterização da fisionomia estrutural de Macau.

Tudo somado fica-nos a uma questão, que não pode ser ignorada: a multiculturalidade existente deve ser entendida como um sinal da riqueza genética e identitária de Macau ou ela é, antes, uma lateralidade nesse sentimento de pertença nacionalista, muito chinês?

O que quer que já tenha acontecido, ou que venha a acontecer, um facto é incontornável: o passar do tempo, "esse grande escultor", como dizia Marguerite Yourcenar, encarrega-se de ir pacificando as tensões e de acomodar nas entranhas da memória tudo o que vai ficando para trás.

5. Ung Vai Meng e Chan Hin lo são dois artistas que, através do colectivo YiiMa, assumiram a missão de resgatar o esquecimento, afastando a poeira que o tempo inexoravelmente vai depositando nos marcos do passado. Fazem-no através da acção artística e beneficiando de um vasto conhecimento da história e da cultura oriental e ocidental. É por isso, e para que não se perca a riqueza do passado recente, ou até do mais distante, que o seu trabalho é importante e merece reconhecimento.

Estes dois artistas têm vindo a contribuir para mostrar a identidade de Macau a partir da (Des)Construção da Memória, aceitando que a multiculturalidade é uma riqueza e não uma entropia. E, desse modo, estão a contribuir para vencer o esquecimento e a libertar o pássaro Goofus do seu destino trágico, permitindo-lhe voar "para a frente", de modo a que possa chegar a um lugar que, de outro modo, nunca poderia aspirar a conhecer...